



RECORTES DE IMPRENSA

OUTUBRO 2013



COM O APOIO:





“Olha” de Valter Vinagre inaugurada amanhã



*Exposição estará patente até 16 de
Novembro*

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Fonseca Macedo – Arte Contemporânea promovem a exposição de fotografia “Olha”.

De acordo com um comunicado, a exposição reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo Valter Vinagre, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV, com o objectivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal, segundo revelou a associação em comunicado.

A inauguração realiza-se no dia 3 de Outubro, pelas 18h30m, na Galeria Fonseca Macedo. A exposição estará patente até dia 16 de Novembro de 2013.



ID: 50036821

02-10-2013

APAV promove exposição de fotografia

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Fonseca Macedo – Arte Contemporânea promovem, amanhã, a exposição de fotografia “Olha”, do fotógrafo Valter Vinagre.

Patente até 16 de novembro, a exposição tem o objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal.

Leva o observador a olhar para a violência de diferentes maneiras, com um “Olha. Compreende o que puderes. Se puderes. E age. Se puderes”.

Um destes olhares será sobre a violência doméstica, que é omnipresente em todas as sociedades, mas invisível. ♦ APF



Fonseca Macedo Valter Vinagre expõe “Olha”



“Olha” é a mais recente exposição de fotografia de Valter Vinagre que foi feita em colaboração da APAV – Associação de Apoio à Vítima com o objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal. Ao todo são apresentadas vinte fotografias. Valter Vinagre estudou fotografia no AR.CO – Centro de Arte e Comunicação Visual (1986 – 1989) em Lisboa. Iniciou o seu percurso em finais dos anos 80, realizando exposições individuais e participando em mostras e iniciativas de cariz coletivo. De início conotado com uma fotografia próxima do registo documental, o seu trabalho passou a interiorizar um exercício mais reflexivo sobre a imagem, criando discursos sobre os significados associados à paisagem, à viagem e ao lugar da cidade. ♦



Fotografia “Olha” é o desafio de Valter Vinagre

“Olha” é a exposição de fotografia de Valter Vinagre, feita em parceria com a APAV - Associação de Apoio à Vítima com o objetivo de retratar o universo de vítimas de crime em Portugal. Ao todo são vinte fotografias. Valter Vinagre estudou fotografia no ARCO, de “início foi conotado com uma fotografia próxima do registo documental, no entanto, o seu trabalho passou a interiorizar um exercício mais reflexivo sobre a imagem”. ♦

GALERIA FONSECA MACEDO ATÉ 16 DE NOVEMBRO





EXPOSIÇÃO



Exposição de fotografia “Olha” de Valter Vinagre

Jornalista:
Ana Carvalho Melo

Fotografia:
Eduardo Resendes

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Galeria Fonseca Macedo – Arte Contemporânea promovem a exposição de fotografia “Olha”. Esta exposição reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo Valter Vinagre, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV, com o

objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal.

A inauguração realizou-se no dia 3 de outubro de 2013, pelas 18h30, na Galeria Fonseca Macedo, em Ponta Delgada. A exposição estará patente até ao dia 16 de novembro.





EXPOSIÇÃO





Fotografia “Olha” é o desafio de Valter Vinagre

“Olha” é a exposição de fotografia de Valter Vinagre, feita em parceria com a APAV - Associação de Apoio à Vítima com o objetivo de retratar o universo de vítimas de crime em Portugal. Ao todo são vinte fotografias. Valter Vinagre estudou fotografia no ARCO, de “início foi conotado com uma fotografia próxima do registo documental, no entanto, o seu trabalho passou a interiorizar um exercício mais reflexivo sobre a imagem”. ♦

GALERIA FONSECA MACEDO
ATÉ 16 DE NOVEMBRO





Exposição de fotografia “Olha” de Valter Vinagre

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Galeria Fonseca Macedo – Arte Contemporânea promovem a exposição de fotografia “Olha”. Esta exposição reúne um conjunto de trabalhos do fotógrafo Valter Vinagre, sendo o resultado de uma colaboração com a APAV, com o objetivo de retratar o universo das vítimas de crime em Portugal. A exposição estará patente até ao dia 16 de novembro.



Victim support association opens new centre in Albufeira

After thirteen years of operating in the city centre, the Portuguese Victim Support Association's (APAV) Albufeira branch of is now located in new facilities conceded by the local council.

APAV Albufeira's new office is located in the Habijovem urbanisation, where it will continue to receive and counsel victims of crime, abuse and violence of all ages and walks of life.

Over the past 13 years the Albufeira Victim Support Office has provided support in 2,470 cases; last year alone it attended 453 people who turned to it for help, the majority of whom were the victims of crime.

Its new facilities were inaugurated last Wednesday and counted on the presence of Albufeira Mayor José Carlos Rolo, and the president of APAV João Lázaro.

"These facilities meet an old aspiration to better serve the community of Albufeira, more specifically the victims of crime and abuse. This space will allow us to increase our number of volunteers and, consequently, help more people with regards to preventing and intervening post-crime" João Lázaro said.

He also revealed that APAV is looking to develop a pilot project with the Albufeira GNR police force to offer support to tourists who are the victims of crime.

APAV has been operating in Albufeira since 2000 following a protocol that was signed between the association, the local council, and the GNR. It is a registered private social welfare association (IPSS) that has as its main mission supporting the victims of crime, their families and friends by offering free and confidential quality services.

Since its founding the association has noted a significant rise in the number of people resorting to its services of emotional, psychological, legal and social support, taking care of some 220 processes per year, involving some 500 people including various authorities such as the PSP police, GNR police and the CPCJ child protection committee.



Albufeira Mayor João Rolo speaks during the inauguration of the Portuguese Victim Support Association's new facilities in Albufeira. (Photo: Supplied)

APAV inaugurou novas instalações em Albufeira

A Câmara Municipal de Albufeira cedeu uma loja à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para o funcionamento do seu gabinete no concelho, cuja inauguração decorreu no passado dia 25, com a presença das principais entidades envolvidas no projeto.

O presidente da Câmara Municipal de Albufeira, José Carlos Rolo, e o presidente da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), João Lázaro, acompanhados por elementos do executivo e de outros órgãos autárquicos, estiveram na sessão, realizada no espaço localizado na Urbanização Habijovem, em Albufeira.

O Gabinete do Apoio à Vítima de Albufeira (GAV) funciona há 13 anos, na Avenida 25 de abril, no centro da cidade, na sequência de um protocolo firmado na altura entre a Associação, o Município e a GNR.

O número de processos e de pessoas que recorrem aos serviços de aconselhamento e apoio emocional, psicológico, jurídico e social registou um aumento significativo - cerca de 220 processos/ano, envolvendo aproximadamente 500 pessoas.

A autarquia assinou em julho um protocolo de colaboração com a APAV com vista à cedência gratuita de uma loja com cerca de 70 metros quadrados, para que esta aí possa



dar continuidade ao trabalho desenvolvido no concelho.

“Este tipo de associações faz bastante falta à sociedade que, na conjuntura atual de crise, vive um aumento de situações complicadas que necessitam de apoio e de acompanhamento”, referiu José Carlos Rolo.

O autarca sublinhou o seu empenho nesta causa, afirmando que “foi em boa hora que o município decidiu ceder as instalações à APAV que delas farão um excelente uso em prol da comunidade, que ficará certamente satisfeita com esta melhoria”.

Após a visita às instalações, compostas por diversas salas

de atendimento específico, o presidente da direção da APAV manifestou publicamente a sua gratidão para com a autarquia albufeirense pela “perseverança e pragmatismo” com que conduziu todo o processo que possibilitou a inauguração do novo espaço.

“Estas instalações correspondem a uma velha aspiração de melhor servir a comunidade de Albufeira, mais propriamente as vítimas de crime e de maus tratos. Este espaço vem permitir aumentar o nosso número de voluntários e, consequentemente, ajudar mais pessoas ao nível da prevenção e da intervenção pós-crime”, salientou João Lázaro, que deu

a conhecer a intenção da APAV em desenvolver um projeto-piloto com a GNR de Albufeira, com vista a prestar apoio aos turistas vítimas de crime.

A cerimónia de inauguração contou com um momento musical a cargo do Grupo de Teatro da APAV, que recitou um poema ao som dos acordes de uma guitarra.

No decurso dos últimos 13 anos, o GAV de Albufeira registou um total de 2470 processos de apoio, sendo que em 2012 o número de processos fixou-se nos 207 e foram realizados 453 atendimentos a utentes que procuraram estes serviços, na sua maioria relacionados com problemática de crime.

Albufeira

Gabinete de Apoio à Vítima de Albufeira na Urbanização Habijovem

APAV inaugura instalações cedidas pela Autarquia

A Câmara Municipal de Albufeira cedeu uma loja à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) para o funcionamento do seu Gabinete em Albufeira. A inauguração decorreu no dia 25 de setembro, e contou com a presença das principais entidades envolvidas no projeto.

Fotos: CMA

O presidente da Câmara Municipal de Albufeira, José Carlos Rolo, e o presidente da direção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), João Lázaro, acompanhados por elementos do Executivo, presidente da Assembleia Municipal, Carlos Silva e Sousa, presidente da Junta de Freguesia de Albufeira, Hélder Sousa, e vários parceiros da Instituição reuniram-se para proceder à inauguração das novas instalações da APAV, localizadas na Urbanização Habijovem, em Albufeira.

O Gabinete do Apoio à Vítima de Albufeira (GAV) funciona há 13 anos, na Avenida 25 de abril, no centro da cidade, na sequência de um protocolo firmado na altura entre a Associação, o Município e a GNR. É uma Instituição Particular de Solidariedade Social



A inauguração da sede da APAV em Albufeira

tuita de uma loja com cerca de 70 metros quadrados, na Urbanização Habijovem, para que esta aí possa dar continuidade ao trabalho desenvolvido no concelho. “Este tipo de associações faz bastante falta à sociedade que, na conjuntura atual

tratos. Este espaço vem permitir aumentar o nosso número de voluntários e, consequentemente, ajudar mais pessoas ao nível da prevenção e da intervenção pós-crime”, salientou João Lázaro, que deu a conhecer a intenção da APAV em desenvolver um projeto-piloto com a GNR de Albufeira, com vista a prestar apoio aos turistas vítimas de crime.

Durante a sua intervenção, Marlene Silva, vice-presidente do Município e vereadora da Ação Social, realçou a importância da APAV que, em articulação com outras entidades locais, desenvolve um trabalho excecional: “O GAV de Albufeira é o único gabinete do género em todo o concelho e a sua intervenção

ao nível social, no apoio às vítimas, assume particular importância nesta altura de crise que assola e fragiliza as famílias. Este novo espaço vem criar as condições adequadas para que esta associação possa prestar um apoio mais eficaz a nível técnico e humano, conferindo melhores condições para quem trabalha e para quem é atendido”, conclui Marlene Silva.

A cerimónia de inauguração contou com um momento musical a cargo do Grupo de Teatro da APAV, que recitou um poema ao som dos acordes de uma guitarra.

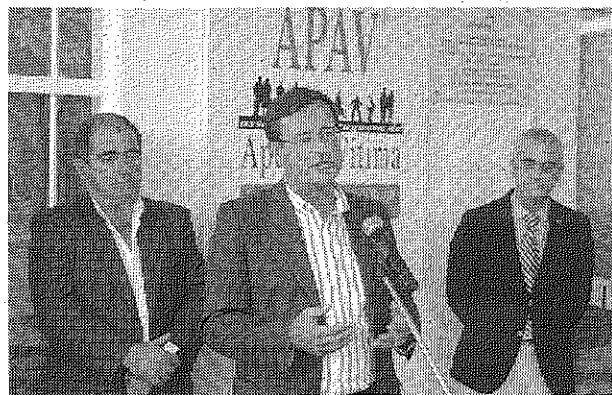
A encerrar os discursos oficiais, o presidente da Assembleia Municipal de Albufeira, Carlos Silva e Sousa, referiu que “é pri-

mordial que a comunidade se importe com as vítimas dos diversos tipos de violência que, muitas vezes, têm vergonha de pedir ajuda. Têm que existir lugares, como este, para que quem se sinta fragilizado possa procurar proteção, segurança, apoio e esclarecimento para levar uma vida digna e justa”.

Refira-se que no decurso dos últimos 13 anos, o GAV de Albufeira registou um total de 2470 processos de apoio, sendo que em 2012 o número de processos fixou-se nos 207 e foram realizados 453 atendimentos a utentes que procuraram estes serviços, na sua maioria relacionados com problemática de crime.



João Lázaro agradecendo a cedência do espaço



Intervenção do presidente da A. Municipal



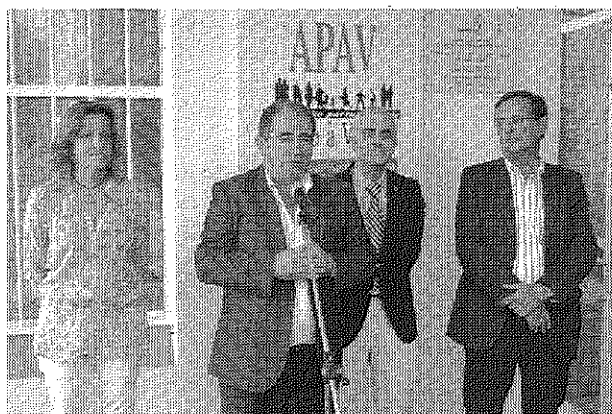
Um aspecto da cerimónia inaugural

(IPSS) que tem por missão apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais. Desde então, o número de processos e de pessoas que recorrem aos serviços de aconselhamento e apoio emocional, psicológico, jurídico e social registou um aumento significativo – cerca de 220 processos/ano, envolvendo aproximadamente 500 pessoas, bem como a colaboração efetiva entre diversas entidades, nomeadamente a Polícia de Segurança Pública (PSP), Guarda Nacional Republicana (GNR), Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ), entre outros organismos.

Consciente da importância da intervenção do Gabinete – único no concelho – junto das vítimas de crime, a Câmara Municipal assinou, no passado dia 8 de julho, um protocolo de colaboração com a APAV com vista à cedência gra-

de crise, vive um aumento de situações complicadas que necessitam de apoio e de acompanhamento”, referiu José Carlos Rolo. O autarca sublinhou o seu empenho nesta causa, afirmando que “foi em boa hora que o Município decidiu ceder as instalações à APAV que delas farão um excelente uso em prol da comunidade, que ficará certamente satisfeita com esta melhoria”.

Após a visita às instalações, compostas por diversas salas de atendimento específico, o presidente da direção da APAV manifestou publicamente a sua gratidão para com a Autarquia albufeirense pela “perseverança e pragmatismo” com que conduziu todo o processo que possibilitou a inauguração do novo espaço. “Estas instalações correspondem a uma velha aspiração de melhor servir a comunidade de Albufeira, mais propriamente as vítimas de crime e de maus



A intervenção do presidente da Câmara



A vice-presidente, Marlene Silva falando

Jornal algarvio "a Avezinha" n.º 1304 (10/OUTUBRO/2013) PUB139



Edital n.º 4/2013

Nos termos do n.º 2 do artigo 74.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de Dezembro, torna-se público que a Câmara Municipal de Albufeira, emitiu em 25 de setembro de 2013, o 1.º Aditamento ao Alvará de Licenciamento Urbano n.º 6/91 de 26 de Junho de 1991, em nome de **Armindo Martins de Oliveira**, na sequência da deliberação camarária de 3 de setembro de 2013, através da qual foi aprovada a alteração à operação de loteamento do prédio sito em Patroves, da freguesia e concelho de Albufeira, anteriormente descrito na Conservatória do Registo Predial de Albufeira, sob o n.º 03063/880105, correspondente ao Art.º 47.º da Secção “AD”, da respectiva freguesia, que se destina a anular as cláusulas constantes no quadro que integra a planta de síntese:

“Área do 2.º piso no máximo 40% da área do piso térreo.”

“Vedação dos lotes em sebe-viva ou muro de alvenaria com o máximo de 0.60 m de altura.”

Conforme parecer técnico de 28 de junho de 2013, é acrescentada a seguinte cláusula que constitui um dos condicionamentos à realização do loteamento:

“Área total de construção (r/c + 1º andar) no máximo 56% da área do lote.”

Câmara Municipal de Albufeira, 26 de setembro de 2013.

O Presidente da Câmara Municipal,

Dr. José Carlos Martins Rolo

Homem bloqueia carro da ex-mulher, assassina-a com dois tiros e suicida-se

Loulé. António, 51 anos, não aceitou a separação de Filomena, 48 anos. Ontem, junto à estação ferroviária no Esteval, matou-a na presença da sogra. Amigos da 25.ª vítima de violência doméstica recordam as ameaças que esta descrevia

MIGUEL FERREIRA
e JOSÉ MANUEL OLIVEIRA

Um homem de 51 anos matou com dois tiros de pistola a ex-mulher, de 48 anos, de quem estava separado há cerca de seis meses, e suicidou-se em seguida com outro disparo. A tragédia ocorreu, ontem, cerca das 14.30, junto à estação ferroviária na zona do Esteval, perto do Estádio Algarve, freguesia de Almancil, no concelho de Loulé, e a poucos quilómetros da casa onde viveu o casal. Estiveram casados durante 33 anos e deixam dois filhos já maiores de idade.

Filomena contou a colegas e amigos que o ex-marido a perseguia. Foi exatamente uma perseguição que marcaria os seus últimos momentos de vida. António, motorista de autocarros, ao volante do seu Ford Fiesta branco, ia atrás do Opel que Filomena conduzia, batendo-lhe e obrigando-a a parar o carro à beira da estrada secundária em que seguiam.

A funcionária de uma escola de Almancil, que viajava acompanhada pela mãe, ainda estava sentada ao volante quando o ex-marido saiu da viatura e a assassinou com dois tiros de pistola, um dos quais a atingiu no rosto. A vítima ficava tombada sobre o volante enquanto a mãe, que ocupava o "lugar do pendura", gritava desesperada "Mataram a minha filha! Mataram a minha filha!" Pouco depois, o homem pôs termo à vida, com um tiro na cabeça, ficando caído na estrada junto ao carro da ex-mulher.

Segundo informações prestadas por fonte da GNR, a mãe de Filomena "não sofreu qualquer ferimento". Contudo, como o DN pôde testemunhar, mostrava-se comalida, a chorar, com as mãos na cabeça, acabando por ser levada por um familiar, enquanto permaneciam no local amigos, vizinhos e colegas de trabalho da vítima, incrédulos com o sucedido.



O corpo do homicida encontrava-se caído ao lado do carro da vítima



Filomena morreu ao volante do carro que conduzia

Foram mobilizadas duas ambulâncias e uma Viatura Médica de Emergência e Reanimação (VMER), tendo os cadáveres sido removidos por elementos dos Bombeiros Municipais de Loulé e transportados para o Gabinete Médico-Legal do Hospital de Faro, onde serão autopsiados.

Antes, porém, no local da tragédia, inspetores da Polícia Judiciária montaram uma tenda no interior da qual procederam a peritagens aos corpos e à arma utilizada. Já a GNR, com um dispositivo de duas dezenas de operacionais, criou um perímetro de segurança, encerrando a estrada onde ocorreu a tragé-

dia. Só ao início da noite a via foi reaberta ao trânsito.

"Estava num café quando, de repente, ouvi tiros ali fora. Quando fui ver o que se passava e tentar auxiliar as pessoas, percebi que já estavam mortas. Foi horrível. Nem queria acreditar no que estava a ver", descreveu um popular.

"Ela era ameaçada constantemente e perseguida há muito tempo por ele, e já receava este desfecho, tendo por isso apresentado várias queixas às autoridades. O António nunca aceitou a separação da mulher, há meses, e fez-lhe a vida negra", contaram ao DN colegas e amigos da vítima. Uma vizinha lembra um episódio: "Há meses, estranhando a ausência da Filomena, perguntei-lhe [a António]: 'O que é feito da sua mulher?' E ele respondeu-me que ela foi viver com a mãe, porque o pai estava internado." Outros vizinhos, abalados com a tragédia, garantiam nunca ter ouvido discussões entre eles.

5 PERGUNTAS A...

"O suicídio é uma reação de vergonha"



DANIEL COTRIM
APAV - Assoc.
Port. de Apoio
à Vítima

Como se explica o turbilhão emocional de alguém que mata a mulher ou ex-mulher e se suicida de seguida?

É uma reação associada à vergonha, ao medo, a um descontrolo emocional tal, que muitas vezes são atos carregados de precipitação, tal como o homicídio. É a sequência compulsiva de um ato, também ele, compulsivo.

Estes casos estão a subir?

Os homicídios conjugais sabemos que sim, mas sobre os seguidos de suicídio não temos a contabilização feita. Teríamos de ver caso a caso.

E são situações em que há terças pessoas envolvidas?

A realidade com que lido na APAV não é essa, não é a regra geral. Porque é verdade que o ciúme é a desculpa para estes agressores, mas em noventa por cento dos casos não há razões para o sentir. Mas é a desculpa social: "Ele fez isto porque era muito ciumento"... É o querer controlar, é o querer ter poder sobre a vítima. Mas esta noção e esta "desculpa" que se dá aos agressores está completamente errada. Porque o estar apaixonado e o sentir ciúme têm de conviver lado a lado com a liberdade de quem está nas relações amorosas.

As situações de homicídio conjugal são mais comuns durante ou após a relação?

Geralmente são situações associadas aos pós-casamento ou pós-relação. Ou pelo menos da quase separação. Com base na ideia deturpada de que "se não és minha, não és nem vais ser de ninguém". Associada ao tal ciúme sem fundamento.

Qual a média de idades?

Segundo estudos nacionais, da Escola da Polícia Judiciária, acabam por ser entre os 35 e os 55 anos. O que não significa que só haja nestas idades.

OUTROS CASOS

Mata em frente a escola

Em junho deste ano, Pedro, de 33 anos, revoltado com a separação, aproveitou a hora de ir buscar a filha ao infantiário, no Catujal, em Sacavém, e para se cruzar com a ex-companheira. Mónica Pinto, de 27 anos. A mãe da criança de 5 anos acabou emboscada e baleada nas costas. Morreu ainda Inês Cecília, de 22 anos, uma amiga que a acompanhava. Pedro saiu do perímetro do infantiário, afofou-se uns metros e suicidou-se com um tiro.

Professor dispara na rua

O professor que, na tarde de 31 de agosto deste ano, matou a ex-mulher a tiro numa rua de Lagos suicidou-se horas depois - às 00.30 - quando viu as luzes dos automóveis da PSP e da Polícia Marítima que se aproximavam do local onde se encontrava, numa falésia. O cadáver de Álvaro Lourenço, de 60 anos, foi encontrado junto ao seu automóvel, que utilizara para fugir depois de matar a ex-mulher, Deolinda, de 51 anos, num jardim público.

Discussão com a filha

A família Henriques levava uma vida reservada, na Figueira da Foz. Em agosto, durante a hora de almoço, João Henriques, de 58 anos, e a filha, iniciaram uma discussão violenta. Após a troca de palavras, a filha levantou-se da mesa. O empregado foi buscar uma arma e disparou à queima-roupa contra a mulher. Cândida, de 56 anos, que caiu inanimada no chão da cozinha. João Henriques suicidou-se logo de seguida. O filho assistiu a tudo.



u ajuda

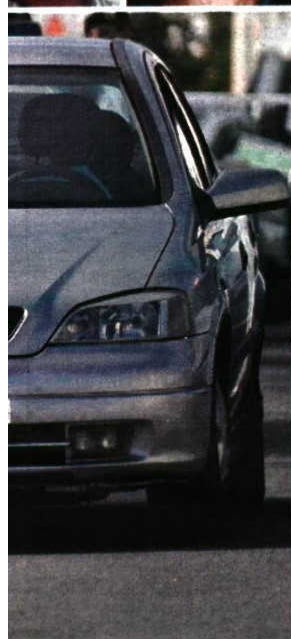
r perseguida e que pediu apoio à APAV



DISCURSO DIRETO

JOÃO LÁZARO Ass. Portuguesa de Apoio à Vítima

“Estas são notícias chocantes”



Correio da Manhã – Desde o início do ano já morreram 25 mulheres em contexto de violência doméstica...

João Lázaro – Continua a ser chocante este tipo de notícias. Temos de nos interrogar sobre o que pode ser feito para mudar esta triste realidade.

– O sistema não funciona?

– Há situações em que funciona, mas há outras em que não. O que nos preocupa são os casos das mulheres que apresentam queixa às autoridades e que ainda assim têm este desfecho trágico.

– O que é preciso fazer para mudar esta realidade?

– O primeiro passo é a própria vítima denunciar o caso, pedir ajuda à família e aos amigos. Depois, tornar a lei mais eficaz através de melhores práticas judiciais. A lei na teoria e a lei na prática é diferente. ■

MÃE DA VÍTIMA SOCORRIDA POR VIZINHO

● A mãe da vítima, que assistiu à morte da filha e do genro, ficou em estado de choque e foi socorrida por um vizinho. “Estava a gritar e só dizia que já sabia que ele vinha atrás delas”, recordou ao ‘CM’ Ricardo Martins, de 36 anos, que teve de abraçar a idosa para a retirar do carro.

APAV DÁ TRÊS TIPOS DE APOIO

● A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima presta três tipos de apoio: aconselha a vítima em termos jurídicos, dá apoio psicológico regular à vítima de crime ou aos seus familiares e presta apoio social ao clarificar o problema.

LINHA DE APOIO DISPONÍVEL

● A linha de apoio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima está disponível pelo número de telefone 707 20 00 77. Além disso, há, para além da sede, em Lisboa e Porto, 15 gabinetes da APAV espalhados pelo País.

APRESENTAR QUEIXAS

● As queixas de violência doméstica podem ser apresentadas diretamente pelas vítimas no Ministério Público dos tribunais da área onde o crime foi cometido ou então na GNR, PSP ou Polícia Judiciária, que as envia para os tribunais.

Dez vítimas foram assassinadas a tiro.

■ Das vinte e cinco mulheres que perderam a vida em contexto de violência doméstica este ano, dez foram executadas a tiro de pistola ou caçadeira. A arma de fogo foi, assim, o método mais utilizado pelos homicidas para cometer os crimes. Outras três mulheres foram assassinadas à facada.

Mas estes não foram os únicos métodos utilizados para matar. Logo no início do ano, a 8 de janeiro, Aníbal Vicente, de 85 anos, regou o corpo com um líquido inflamável e ateou fogo a si próprio. Morreu, assim como a mulher com quem estava casado há seis décadas. Eufémia Mateus, 82, que estava acamada há muito tempo e que morreu intoxicada pelo fogo. O idoso andava deprimido.

Já em março, um homem enforcou a mulher em Pelinos, Tomar. Depois de mais uma acesa discussão, Vasco Rosa, 29 anos,

enforcou a companheira Carina Fernandes, 24, com o cordel de um fato de treino. O crime foi cometido na residência do casal que vivia em união de facto. O homicida confessou depois o crime às autoridades. Ficou preso.

De acordo com João Lázaro (ver discurso direto), a crise económica que o País enfrenta é um fator que reduz o número de pedidos de ajuda, “o que não significa que haja uma diminuição da violência. O problema é que as vítimas não têm condições de se sustentar financeiramente”, explicou.

O mesmo responsável referiu que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima dispõe de 15 gabinetes de apoio e de duas casas de acolhimento. “Antes de institucionalizar as vítimas nos abrigos tentamos primeiro encontrar uma solução a nível familiar”, concluiu. ■SGC/PMC.

Vinte e cinco mulheres foram mortas num contexto de violência

ASSASSINADAS POR MARIDOS

■ Ciúme e obsessão são dos motivos mais frequentes para crimes passionais

MÓNICA PINTO
Loures



■ Mónica Pinto, 27 anos, foi morta a tiro pelo ex-companheiro que não aceitava a separação, a 14 de junho. Homicida também matou amiga da ‘ex’. Suicidou-se.

DELMIRA CLARO
Sintra



■ Delmira Claro, professora de 53 anos, foi afogada até à morte por Hugo Sousa, em março, numa praia em Sintra. Homicida e vítima tinham tido relação amorosa.

MARA LAMEIRA
Lisboa



■ Mara Lameira tinha 32 anos. Em agosto, foi esfaqueada pelo ex-marido na rua, em Chelas. Mário Silva, 35 anos, acusava-a de traição. Casal tinha um filho menor.

MARIA SIMÕES
Alvaiázere



■ Maria Simões, de 54 anos, foi executada a tiro pelo ex-marido, em Alvaiázere. O atual companheiro da vítima também foi morto. Crime ocorreu em setembro.

M.ª AUGUSTA REIS
Mirandela



■ Ciumento, João Vitorino, de 75 anos, matou a mulher, Maria Augusta Reis, de 59, com um tiro de pistola, no passado dia 1, em Mirandela. Depois suicidou-se.



Mais denúncias de violência doméstica junto das polícias

Crime. Dados das autoridades policiais registam um maior número de participações este ano, numa média de 73 por dia. Desde 2010 que se vinha a registar uma diminuição das queixas

CÉU NEVES

Muitas das histórias de vida conjugal começam como um conto de fadas. Em outras descobrem-se sinais de que não vai ser um mar de rosas nos primeiros contactos. Mas quando chegam às associações e polícias revelam vivências de agressões, físicas e psicológicas, com as mulheres a queixarem-se de que o "cordeiro despiu a pele e o lobo apareceu". Em 2013 já foram registadas mais de 20 mil denúncias de violência doméstica junto das polícias, o que aponta para um aumento em relação a 2012.

Chegam à GNR e à PSP muitos casos iniciados por denúncias junto de organizações não governamentais, como a Associação de Apoio à Víctima (APAV). São as mulheres de menores recursos (económicos e educativos) que a elas mais recorrem, revelam os técnicos da APAV. As das classes mais favorecidas facilmente contactam a esquadra ou um advogado, mas todas as queixas vão parar às autoridades policiais: 7852 até 31 de agosto junto da GNR e 11 300 até 30 de setembro na PSP.

A PSP justifica o "número significativo de crimes e de vítimas" com "um progresso" na sua atuação "em todas as vertentes". Nos primeiros nove meses do ano identificaram 17 400 vítimas e fizeram 230 detenções. Muitas das ofendidas tinham ferimentos ligeiros, registando-se 80 situações graves e seis vítimas mortais.

A diferença no tratamento dos dados, a que o DN teve acesso, não permite quantificar com exatidão o número de denúncias apresentadas a mais em 2013, mas apontam para uma subida comparativamente a 2012. "Pode

APAV

O QUE FAZER

PREPARAR-SE

» A Associação Portuguesa de Apoio à Víctima (APAV) aconselha as vítimas de violência doméstica a planejar a fuga de casa para uma eventualidade – incluindo para onde ir se tiver de fugir. É importante ter uma lista de pessoas de confiança, para contactar em caso de emergência.

EM CASO DE EMERGÊNCIA

» A APAV aconselha o contacto para o 112, que chamará a polícia. Para apresentar queixa deve dirigir-se a uma esquadra da PSP ou posto da GNR e exigir um comprovativo da queixa. Se participar às autoridades peça, se necessário, uma medida judicial de proibição do/a agressor/a o/a contactar.

QUANDO SAIR DE CASA

» Tenha cuidado a dar os seus contactos pessoais (a nova morada, o novo número de telemóvel) e, se necessário, altere as suas rotinas e os seus percursos habituais e conhecidos do/a agressor/a. Peça ajuda à APAV e saiba que pode ter direito a um adiantamento pelo Estado das indemnizações devidas.

dizer-se que há uma tendência para aumentar o número de queixas, mas essa avaliação só poderá ser feita no final do ano", explica o tenente-coronel João Nascimento, responsável pela Divisão de Investigação Criminal, onde estão criados os núcleos de apoio às vítimas.

Há uma média de 73 queixas por dia de violência doméstica junto das polícias este ano (71 em 2012), mas o ritmo a que são feitas varia consoante a hora, o dia da semana e os meses. "É um crime muito associado à conjugalidade. Há um maior número de ocorrências nas férias, os fins de semana e nos períodos noturnos", diz o tenente-coronel Nascimento.

Sandra, 19 anos, foi uma das mulheres que pediram apoio junto da APAV. "Quando aconteceu, eu não estava à espera. Conheci-o numa festa, nas férias. Era bonito

2012
26 mil crimes

de violência doméstica registados pela PSP e pela GNR no ano passado, indo 59% dos casos para a Polícia de Segurança Pública

2013
20 mil crimes

registados já este ano em Portugal pelas forças de segurança, com a PSP a contabilizar 17 400 vítimas até 31 de setembro

e senti uma grande atração por ele. Parecia ser boa pessoa, mas, naquela mesma noite, o cordeiro despiu a pele e o lobo apareceu. Tínhamos ido para um miradouro isolado, à procura de uns bons momentos à frente do mar, escondidos na noite, à espera de que a lua desse ainda mais brilho àquele encontro. Romântico, não é? Enganei-me."

A história de Susana é igual a muitas outras, com a diferença de que a maioria tem por detrás anos de agressões por parte do marido, do companheiro ou do namorado. As mulheres são as principais vítimas, sobretudo as do grupo etário dos 35 e 40 anos. Há quem leve anos até decidir apresentar queixa: "O meu marido sempre me bateu, desde o namoro. Há um dia em que a gente não aguenta mais e decide mudar de vida, sair, ter liberdade para ser feliz. Não foi fácil!"

Crianças expostas a agressões são sinalizadas

MENORES Violência doméstica ultrapassa negligência na sinalização de crianças e jovens em risco junto das comissões de proteção

A Comissão Nacional de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ) sinalizou 14 930 casos no primeiro semestre do ano. A principal causa é "a exposição a comportamentos que podem comprometer o bem-estar e o desenvolvimento da criança, em 94,1% no âmbito da violência doméstica".

Os primeiros dados da CPCJ de 2013 confirmam a alteração registada no ano passado no que diz respeito às situações de perigo que levam à denúncia junto das comissões. A negligência, que era a principal causa, foi substituída pelos casos de "violência doméstica vicariante": as situações em que os menores são expostos a comportamentos agressivos a terceiros, sejam físicas ou psicológicas.

As autoridades policiais constituem uma das principais fontes de sinalização. Nos primeiros seis meses de 2013, consideram que 3551

menores corriam perigo no seio de uma família com violência doméstica, 20,5% dos processos. Sempre que há uma denúncia de violência junto das autoridades policiais é obrigação do agente denunciador os casos de perigo para as CPCJ.

"Se a situação de violência doméstica constituir perigo para a criança ou para o jovem, as autoridades policiais participam às comissões de proteção", diz Armando Leandro, presidente da CPCJ. Fontes da PSP e GNR confirmam esse registo, mas não têm contabilizada a percentagem de situa-

ções em que o fazem. "Normalmente, é questionado se as crianças assistem ou não às agressões e, consoante a gravidade, sinalizam o caso, o que vai depender da avaliação que faz o próprio agente quando é apresentada a queixa-crime", explica Maria Oliveira, assistente social da APAV.

A escola está na linha da frente na avaliação de crianças e jovens em risco, tendo sinalizado 5480 casos, 73,2% do total. Os pais devem dar consentimento para a intervenção das comissões, caso contrário o processo vai para tribunal.

5 PERGUNTAS A...

"Testemunho de figuras públicas é incentivo"



JOÃO LÁZARO
Pres. da APAV

Faz diferença ter personalidades conhecidas a falarem, em público, de como foram vítimas de violência doméstica?
Sem dúvida. A APAV tem essa experiência com figuras públicas como a Catarina Tallon e a Lisa Hardy, que serviram de incentivo a outras pessoas para denunciarem as suas situações. Muitas das pessoas que procuram o nosso apoio são de classes sociais mais desfavorecidas e são essas que habitualmente contam as suas histórias. Têm menos a perder em dar a cara. **As personalidades que referiu foram das poucas que vieram a público falar disto. Nas classes mais altas há mais a perder?**

Nessas classes existe uma perda do mundo social e do estatuto. Essas mulheres têm receio da punição ou expulsão pelos seus pares. Por isso é que os testemunhos de Catarina Tallon e Lisa Hardy foram o início de uma mudança de mentalidade, para se passar a ver a violência doméstica como transversal a todas as classes sociais. Ambas foram apoiadas pela APAV, como as próprias assumiram.

Há diferenças nas formas de violência usadas nos estratos sociais mais elevados?

São usadas formas mais subtis e sofisticadas de violência. Se for preciso o agressor nessas classes molha a toalha para bater na mulher e não deixar marcas. Ou seja, para dificultar a prova. É uma violência mais dissimulada devido ao receio de se perder o estatuto social. Por isso é que as vítimas das classes A e B preferem contar os seus casos na linha telefónica de apoio, para não se mostrarem.

A Bárbara Guimarães conta com o apoio da APAV neste momento?

Esse dado é confidencial. O que lhe posso dizer é que a APAV está sempre disponível para apoiar vítimas de crimes, sejam elas anónimas ou figuras públicas. **As participações à APAV por este crime estão a diminuir?**
Sim, ligeiramente, na ordem de um por cento. Atribuímos essa diminuição à crise económica e seus efeitos nas famílias.

RUTE COELHO



Mais 17 vagas para vítimas de violência

PROTOCOLO

O ACOlhIMENTO de emergência de mulheres vítimas de violência doméstica foi ontem reforçado com 17 novas vagas, num total de 113 criadas num ano, num investimento de 500 mil euros.

As novas vagas resultaram de uma Carta de Compromisso assinada entre a secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Teresa Morais, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a cooperativa de solidariedade social Pelo Sonho é que Vamos, institui-

ções que integram a rede nacional de apoio às vítimas de violência doméstica.

Numa primeira fase, já tinha sido assinado um acordo com 11 instituições que permitiu criar 32 vagas, disse à Lusa Teresa Morais. A carta de compromisso representa a "segunda vaga".

Com este acordo, o acolhimento de emergência de vítimas em casas de abrigo perfaz 49 novas vagas criadas em 2013, mais 64 novas vagas ao abrigo de projetos com financiamento comunitário. O objetivo é evitar estas mulheres para pensões, à espera de vaga num abrigo seguro. ●



ID: 50324734

18-10-2013

Mais apoio a vítimas de violência

SOCIAL O acolhimento de emergência de mulheres vítimas de violência doméstica foi ontem reforçado com 17 novas vagas. As novas vagas resultaram de uma Carta de Compromisso assinada entre a secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Teresa Morais, e a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).



Oferta de 17 novas camas



Campanha Pública Contra a Violência Doméstica

A Campanha de rua “Homens de Setúbal Contra a Violência Doméstica” é lançada no âmbito do projeto “VAIVÉM Contra a Violência Doméstica”, promovido pela SEIES – Sociedade de Estudos e Intervenção em Engenharia Social e financiado por POPH-QREN, tendo como entidades parceiras a APAV, a EAPN e as autarquias de Setúbal e Palmela.

O Programa VAIVÉM dispõe de um serviço de atendi-

mento e acompanhamento descentralizado a vítimas de violência doméstica e famílias, facilitando o acesso à informação e serviços, com cobertura de parte das zonas anteriormente a descoberto dos concelhos de Setúbal e Palmela (resposta financiada até Dezembro de 2013).

Todos os projetos que a SEIES promove de prevenção e combate à violência doméstica têm uma componente pedagógica que visa impulsionar movimentos de mudança

de paradigma sobre o significado social da violência intrafamiliar, associada ao paradigma de género nas relações de intimidade.

A presente campanha pretende ser mais um passo para a afirmação deste novo paradigma, que depende em grande medida da subversão gradual dos códigos e padrões instituídos.

Envolver exclusivamente homens e rapazes nesta campanha contra a violência doméstica é fazer passar a men-

sagem de que o combate à violência doméstica não é apenas uma luta de mulheres, nem contra os homens. A este propósito é de salientar a recomendação aos Governos dos Estados membros adotada pelo Comité de Ministros do Conselho Europa (2008). *“que encorajem a participação ativa dos homens nas ações que visam combater a violência contra as mulheres”.*

Raul Oliveira

BARREIRO

Realiza-se também debate sobre a violência doméstica

“Herança do Silêncio” em exibição na biblioteca

No próximo dia 5 de Outubro, pelas 16 horas, tem lugar a exibição do filme “Herança do Silêncio”, de José Meireles, no Auditório da Biblioteca Municipal do Barreiro. José Meireles assina este filme que conta com as interpretações de Joana Ribeiro, Marta Mello e Rita Martins, entre outros.

Este filme é uma homenagem às

mulheres assassinadas e vítimas de violência doméstica, em Portugal, e será seguido de debate orientado por técnicos especializados da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), sobre violência doméstica e igualdade de género.

Esta iniciativa do projecto “Cultivando a Igualdade” apoiado pelo POPH – Programa Operacional Po-

tencial Humano, no âmbito dos Planos para a Igualdade da CIG (Comissão de Igualdade de Género) é destinado a professores e alunos do ensino universitário e secundário e população em geral.

Conta, ainda, com o apoio da Câmara Municipal do Barreiro e é co-financiado pelo QREN (Quadro de Referência Estratégico Nacional).

DIREITOS RESERVADOS



DEBATE. Violência doméstica vai ser o tema do debate

**MUDAR DE VIDA**

Margarida Serrão
Formadora de Desenvolvimento Pessoal
mudardevida.revistadada@gmail.com | 961 778 950

Assim diz o velho ditado, e assim se faz há séculos, o que permite que o crime de violência doméstica de que muitas mulheres são vítimas seja escondido do olhar público e muitas vezes ignorado pelos familiares e pela própria vítima. À luz da nossa sociedade, fazer “vista grossa” a situações destas é prática comum, não só por uma questão de vergonha mas também por ser socialmente “aceite” que nada se faça nestes casos, esperando-se muitas vezes que a existência de uma agressão seja apenas uma situação isolada. Com isto, milhares de mulheres são diariamente vítimas deste crime hediondo e sofrem em silêncio numa relação de agonia.

Curiosamente, a maior parte das pessoas pensa que as mulheres vítimas de violência doméstica são, na sua maioria, oriundas de um estrato social mais baixo, mas na realidade a violência doméstica é transversal a todas

ENTRE MARIDO E MULHER NÃO SE METE A COLHER

as classes sociais e níveis culturais, e continua a crescer a uma velocidade alarmante.

De acordo com o Relatório Anual de 2011, elaborado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 19 mulheres, por dia, foram vítimas de violência doméstica em Portugal, nesse ano, e no total, foram registados 15.724 crimes de violência doméstica contra as mulheres.

Em média, morrem, em Portugal, 40 mulheres por ano vítimas deste crime, e só no primeiro semestre de 2013 já se registaram 22 vítimas mortais de violência doméstica.

E sim, muitas vezes são as próprias vítimas as primeiras a não querer denunciar o agressor, por medo e/ou vergonha, mas saibam que existem Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV), com técnicos especializados nesta área, onde prestam apoio emocional, jurídico, psicológico e social, a quem é vítima deste crime e aos seus familiares, desenvolvendo um processo de apoio qualificado, em que os serviços de apoio prestados a cada vítima são gratuitos e confidenciais.

Lembre-se que nestes casos o silêncio não ajuda, pois é, muitas vezes, cúmplice dos atos violentos, por isso se tem uma irmã, filha, mãe, amiga, etc., vítima de violência doméstica denuncie esse caso às autoridades competentes. Também pode pedir informações/apoio no GAV de Santa-rém, na Rua 1.º de Dezembro 64, 1.º (tel: 243 356 505), que funciona nos dias úteis das 14h às 19H.



ID: 50242380

14-10-2013

A violência da crise e a proliferação das armas

Isabel Guerra, professora da Universidade Católica Portuguesa, apresentou sábado em Lisboa uma reflexão sobre a violência juvenil, doméstica relacionando-os com a crise/austeridade e a pobreza.

Na conferência “A violência da crise e a proliferação das armas”, promovida pelo Observatório Permanente sobre a Produção, Comércio e Proliferação de Armas Ligeiras, ligado à Conferência Episcopal Portuguesa, Isabel Guerra apresentou dados da Associação de Apoio à Vítima (APAV) que demonstram que em 2010 houve uma quebra na violência doméstica depois de uma «ligeira subida», em 2008 e novamente em 2012

A interveniente apresentou também estatísticas que mostram o impacto da crise e das medidas de austeridade nos agregados familiares e destacou que «a maior violência é a pobreza».

Em países como a Irlanda, a Espanha, Grécia e Reino Unido, a «crise provoca um decréscimo no rendimento das famílias mais pobres», com a diminuição de 7% nos rendimentos e de 10% nas mais ricas enquanto Portugal «penaliza os mais pobres e alivia os mais ricos».

Em forma de interrogação, a especialista refletiu sobre quem são os culpados pela violência: «A sociedade que não protege as famílias, o Estado que não compensa a reinserção ou os sujeitos que têm predisposição para a violência?».

Redação/Ecclesia



EXPERIÊNCIAS

APAV

O apoio à vítima, realidade que salva

Com a colaboração de:



A APAV nasceu da constatação de que o delinquente e a vítima se encontravam muitas vezes do mesmo lado, sem que existissem muitas pontes de apoio para que a vítima se pudesse levantar. O projeto Infovítimas é mais uma ponte criada para salvar vítimas de crime.

ORGANIZAÇÃO: APAV
PROJETO: INFOVÍTIMAS

NECESSIDADE IDENTIFICADA:

O direito à informação é uma necessidade crucial das vítimas de crime, pois apenas uma vítima informada sobre os seus direitos no sistema de justiça criminal é que poderá exercê-los. A falta de informação pode, realmente, representar um grave problema, ao impedir que as vítimas exerçam os seus direitos, podendo levar a fenómenos de vitimação secundária e à falta de confiança no sistema judicial.

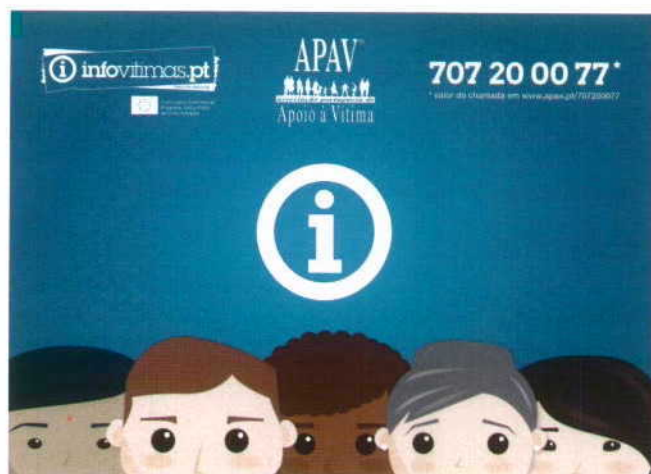
Contudo, poucas são as vítimas que conhecem o funcionamento do sistema de justiça criminal, e que sabem como percorrê-lo: a maioria não conhece quais as possibilidades disponíveis, onde podem receber assistência ou o que delas é esperado.

Foi com esta preocupação que a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima desenvolveu o projeto Infovítimas, cujo objetivo central é o de contribuir para o incremento da informação à vítima de crime, os seus direitos e a forma de os exercer em diversos países da União Europeia.

DESCRIÇÃO DO PROJETO:

O projeto Infovítimas, cofinanciado pela Comissão Europeia ao abrigo do Programa de Justiça Criminal – Direcção-Geral da Justiça em parceria com o Victim Support Europe, Weisser Ring Austria, Crime Victim Compensation and Support Authority (Suécia) e a Bily Kruh Bezpečí (República Checa), espera incrementar mais conhecimento acerca dos direitos das vítimas e das formas de os exercer, e ainda, contribuir para a diminuição da vitimação secundária. Tem a duração de 24 meses, tendo-se iniciado em Outubro de 2011.

O Projecto Infovítimas compreende um plano de atividades que visa promover a sensibilização das autoridades judiciais e policiais bem como informar as vítimas. Engloba atividades



como uma campanha de sensibilização direccionada às autoridades judiciais e policiais, e reuniões com profissionais chave no âmbito do sistema de justiça. Contempla ainda a criação de suportes com informação simples e amigável sobre o sistema de justiça penal tais como um website, posters e brochuras. A informação a fornecer às vítimas de crime terá como conteúdo mínimo a explicação do andamento do processo, a enunciação dos seus principais direitos e meios para os exercer na prática, bem como os contactos dos recursos de apoio existentes.

RESULTADOS OBTIDOS:

Do projeto Infovítimas resultou a criação de uma série de materiais informativos destinados a vítimas de crimes, de entre os quais se destaca um website que, de forma acessível, criativa e inovadora, abrange conteúdos como as reações das vítimas de crimes e as consequências da vitimação, o processo-crime, quem é quem neste processo e os direitos das vítimas.

Este website pretende elucidar o cidadão comum sobre estas questões de uma forma simples e vocacionada para a prática, contendo exemplos de requerimentos e de decisões judiciais, bem como hiperligações para formulários úteis. Para além do site, foram também criadas brochuras e posters alusivos aos direitos das vítimas e à sua participação no processo-crime, que estarão disponíveis em diversos locais.

No âmbito do projeto a APAV promoveu ainda o Seminário Infovítimas – O Direito das Vítimas de Crime à Informação, englobando várias sessões plenárias e workshops. O Seminário centrou-se em temas fraturantes na área dos direitos das vítimas de crime.

PONTOS FORTES E FRACOS DO PROJETO:

O ponto forte deste projeto é a criação de materiais de informação de fácil apreensão, que permitirão incrementar os conhecimentos do público e, concretamente, das vítimas de crime, sobre os seus direitos e sobre o processo-crime. Portugal é um país com claras lacunas a este nível, e os produtos deste projeto permitirão atenuar um pouco as dificuldades da vítima a este nível.

A principal dificuldade teve que ver com a definição de uma linguagem e de um modelo de informação comum aos vários países em que o projeto está a ser implementado, uma vez que as diferenças entre os sistemas jurídicos são significativas. **IP**



“Violência no namoro” em debate no Teatro Académico de Gil Vicente

●●● No âmbito do projeto “Preconceito Zero - Trilhos da Igualdade” realiza-se **amanhã**, a partir das **18H00**, uma tertúlia/debate subordinada ao tema “Violência no namoro”. A sessão vai decorrer no café-teatro do TAGV e é destinada, essencialmente, a estudantes universitários, embora seja aberta a todo o público em ge-

ral. Serão oradores deste encontro João Redondo (Unidade de Violência Familiar do CHUC), Natália Cardoso (APAV), Madalena Alarcão (vice-reitora da Universidade de Coimbra) e Armanda Pinto (coordenadora do projeto Preconceito). O debate será moderado por Hernâni Caniço, presidente da Saúde em Português.



HUGO ANTUNES, MIGUEL MIRA E CARLOS ZINGARO NA APAV

· 14 OUT 2013 · 12:40 ·



Acontece no Espaço APAV & Cultura no próximo dia 31 de Outubro pelas 19h30: falamos de um concerto com o trio Hugo Antunes / Miguel Mira / Carlos Zíngaro que acontece no número 135-A da Rua José Estêvão (ao Jardim Constantino) em Lisboa. O concerto tem entrada livre. Uma oportunidade especial para ouvir três dos mais requisitados improvisadores nacionais. Ponham-se atentos; coloquem nas vossas agendas.

André Gomes
andregomes@bodyspace.net



Concertos

Quarta-feira 30

Clássica

Rossini Fórum Municipal Luisa Todi, Av. Luisa Todi 61/67, Setúbal. 16.00 e 21.30; 3€. Programa preenchido pelas seis Sonatas A Quattro, uma das raras incursões de Gioachino Rossini na música de câmara e que foi am compostas quando Rossini tinha apenas 12 anos.

Jazz

* **GRÁTIS Cumulus Nimbus** Café Tati, R da Ribeira Nova. 36. 21 346 1279. **Cais do Sodré/Bus** 15E, 28, 714, 758, 760. 22.00. www.cafetati.blogspot.com. Estas nuvens não trazem chuva mas sim jazz: o saxofonista Perico Sambeat é acompanhado por Óscar Graça (teclados), Demian Cabaud (contrabaixo) e Marc Miralta (bateria).

* **Orquestra de Jazz do Hot Clube & Perico Sambeat** Hot Clube de Portugal, Pç da Alegria. 48. 21 361 9740/ 21 346 0305. **Avenida.** 22.30 e 00.00; 5€. www.hotclubedeportugal.org. A Orquestra do Hot Clube foi fundada em 1991 e já teve como solistas convidados grandes nomes do jazz, como Freddie Hubbard, Benny Golson e Curtis Fuller, Mark Turner, Tim Hagans e Tom Harrell. Desta feita, o convidado é o saxofonista valenciano Perico Sambeat, que tocou com Mark Turner, Brad Mehldau, Fred Hersch, Steve Lacy, Michael Brecker e Kenny Wheeler e tem uma longa história de colaboração com músicos portugueses (Bernardo Sassetti, Júlio Resende, André Fernandes). Direcção de Luis Cunha.

Quinta-feira 31

Clássica

GRÁTIS Lopes-Graça, Milhaud, Poulenc Palácio Foz, Pç Restauradores. 21 342 5231. **Restauradores/BUS** 36, 44, 732, 745, 746, 759. 18.00. www.ics.pt. Música portuguesa e francesa do séc. XX pelo pianista Bruno Belthoise.

* **Ton Koopman: Bach** Igreja de São Roque, Lg Trindade Coelho. 21 323 5383. **Baixa-Chiado/Bus** 758, 790. 21.00; 27€. www.scml.pt. (ver destaque)

Jazz

* **André Fernandes** Hot Clube de Portugal, Pç da Alegria. 48. 21 361 9740/ 21 346 0305. **Avenida.** 22.30 e 00.00; 7,5€. www.hotclubedeportugal.org. O guitarrista André Fernandes fundou a editora Tone Of A Pitch, onde acumula funções de produtor e engenheiro de som, tem colaborado em boa parte dos discos lançados pela sua editora e lidera vários projectos, quase todos "contaminados" por influências rock e hip hop. O seu disco mais recente é *Motor*. Nesta ocasião o seu quinteto conta com Perico Sambeat (sax, ver quarta-feira), Óscar Graça (piano), Demian Cabaud (contrabaixo) e Marc Miralta (bateria).

GRÁTIS Antunes/Mira/Zingaro Espaço APAV & Cultura, R José Estevão 135A. 21 358 7900. **Arroios.** 19.30. www.apav.pt. Música improvisada por um trio de destacados improvisadores portugueses: Hugo Antunes (contrabaixo) estreou-se como líder com *Roll Call* (Clean Feed) e tem colaborado com Corsano, Wooley, Paul Lovens e Michael Attias; Miguel Mira (violoncelo) faz parte do aclamado Motion Trio de Rodrigo Amado e colabora com os Lisbon Improvisation Players; Carlos Zingaro (violino) é um dos músicos portugueses com mais sonante currículo internacional, com colaborações com Fred Frith, Derek Bailey, Otomo Yoshihide e Evan Parker.

Joana Gouveia & André Mota Duetos da Sé, Tv do Albergem. 1 - B/C. 21 885 0041. **Terreiro do Paço/BUS** 12E, 28E, 737. 22.00; 5€.